Florida University USA
9825 MARINA BLVD SUITE 100-L BOCA RATON - FL 33428 UNITED STATE
Accredited: IAO - INTERNATIONAL ACCREDITATION ORGANIZATION
IACHED - INTERNATIONAL ACADEMIC HIGHER EDUCATION

"SAÚDE PÚBLICA E ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA FACE À EPIDEMIA DA AIDS"

Giovana Boechat Crisostomo Felix[1]
Leopoldino Vieira Neto[2]
Gestão em Saúde Pública – FUUSA *Florida University USA*[3]

RESUMO:

O número de pessoas que vivem com HIV no Brasil aumentou em novas proporções entre 2008 e 2018, de acordo com avaliação do Programa das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (ONUSIDA), que soou o alarme e é o primeiro a relatar os acontecimentos em torno do mundo. A década de perda de poder no século XXI. O UNAIDS Brasil está envolvido na coleta e análise de dados sobre HIV/AIDS no país, bem como no desenvolvimento de políticas e estratégias nacionais e regionais para garantir que todas as pessoas, especialmente os grupos-chave e prioritários que vivem em situações mais vulneráveis, tenham acesso total às ferramentas e serviços de prevenção, diagnóstico e tratamento do VIH.
Este estudo examina a psicologia como ferramenta de análise e apoio psicológico de pessoas que sofrem desse transtorno, avalia o trabalho realizado por psicólogos brasileiros e revisita as pesquisas do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas.

PALAVRAS CHAVES : PESQUISA, PSICOLOGIA, HIV/AIDS, UNAIDS.

ABSTRACT

The number of people living with HIV in Brazil increased in new proportions between 2008 and 2018, according to an assessment by the United Nations Program on HIV/AIDS (UNAIDS), which sounded the alarm and is the first to report the events surrounding of the world. The decade of loss of power in the 21st century. UNAIDS Brazil is involved in collecting and analyzing data on HIV/AIDS in the country, as well as developing national and regional policies and strategies to ensure that all people, especially key and priority groups living in the most vulnerable situations, have full access to HIV prevention, diagnosis and treatment tools and services.
This study examines psychology as a tool for analysis and psychological support for people who suffer from this disorder, evaluates the work carried out by Brazilian psychologists and revisits research by the Technical Reference Center in Psychology and Public Policies.

KEYWORDS: SEARCH, PSYCHOLOGY, HIV/AIDS, UNAIDS,

---

[1] Aluna do Mestrado em Saúde Pública da FUUSA – Florida University USA
[2] Professor Doutor Orientador do Mestrado em Saúde Pública da FUUSA – Florida University USA
[3] Pesquisa de apresentada na Escola de Saúde Pública do Mestrado em Saúde Pública, com ênfase em Gestão em Saúde Pública na FUUSA – Florida University USA.

1. INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida foi reconhecida no início dos anos 80, nos EUA. Sua chegada ao Brasil aparece oficialmente em 1982. Passados 35 anos de seus primeiros relatos, a AIDS continua sendo até hoje um diagnóstico difícil, sobretudo para aquele que o recebe. AIDS e HIV não é a mesma coisa. O HIV é o vírus da imunodeficiência humana, e recebe esse nome, pois destrói o sistema imunológico. Ele é o causador da AIDS. A AIDS é o estágio mais avançado da doença que ataca o sistema imunológico. Seu diagnóstico ainda provoca reações similares às relatadas no passado, época em que se descobrir soropositivo era uma situação que podia ser representada pelas equações AIDS = morte e AIDS = estigma de promiscuidade.

A crise econômica e a dívida externa brasileira – proveniente dos empréstimos internacionais que colocaram o Brasil em uma posição de dependência econômica no âmbito do capitalismo global - aguçaram os problemas existentes na estrutura do sistema de saúde pública no país, o que fez com que a capacidade do governo de responder aos problemas ocasionados pela AIDS ficasse limitada (SILVA, OLIVEIRA, NIKAIDO, LOURENÇO, & TEIXEIRA, 2002).

Sabemos que ainda não existe cura para a doença, mas existem os medicamentos antirretrovirais – coquetéis antiaids que aumentam a sobrevida dos soropositivos. Porém é fundamental seguir todas as recomendações médicas e tomar o medicamento conforme a prescrição. Essa adesão ao tratamento é fundamental para a qualidade de vida. Mesmo em tratamento, a pessoa com AIDS pode e deve levar uma vida normal, sem abandonar a sua vida afetiva e social. O tratamento está disponível no Sistema Único de Saúde (SUS) e é um direito de todos.

Os desafios para a Psicologia é analisar se o apoio psicológico é fundamental para essas pessoas que convivem com a doença, avaliando o que tem sido feito por psicólogos no Brasil, com pesquisas como as que o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas tem realizado, e se adquirem fundamental relevância, na medida em que nos levam a perceber o lugar ocupado pela Psicologia em nossa sociedade. O Psicólogo atua nas principais necessidades de suporte para o bem-estar psicossocial de pessoas que convivem com essa doença, buscando contribuir para uma maior compreensão das demandas e dificuldades experimentadas no seu cotidiano.

O presente artigo se justifica pela importância da inserção da Psicologia na temática da AIDS, tanto no âmbito da atuação prática como na construção do conhecimento científico corroborando a necessidade de uma reflexão sobre o olhar destinado a determinados segmentos e a importância de se (re) pensar a "produção de sujeitos" a partir das políticas públicas, diretrizes e ações desenvolvidas.

A Psicologia, antes com seu campo restringido à assistência, tem atualmente ferramentas importantes para consolidar seu posicionamento crítico e político, especialmente no que se refere à AIDS, procurando entender o que poder ser feito pela Psicologia junto com políticas públicas.

O objetivo desse artigo é mostrar diante destas perspectivas que a Psicologia pode desempenhar relevante papel na elaboração e execução de políticas públicas em HIV/AIDS e atuar para além de uma prática assistencial, que colabore para a promoção dos direitos humanos e o exercício da cidadania.

O artigo propõe como metodologia a utilização de Pesquisa Bibliográfica sobre o tema, que contribuiu para facilitar o conhecimento das possíveis reações emocionais frente ao resultado de soro positividade para HIV, com intuito de reforçar a presença de profissionais capacitados para abordar e acolher os usuários no momento considerado tão difícil e singular, entendendo o que pode ser feito no sentido de promover uma reflexão por parte dos psicólogos sobre suas práticas, viabilizando novos olhares e intervenções.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 POLITICAS PÚBLICAS NA SAÚDE: UM CENÁRIO DA AIDS NO BRASIL

Segundo a UNAIDS, em 2015 foi registrado no Brasil um número de 81 mil brasileiros que começaram a se tratar, um aumento de 13% em relação a 2014. Quanto ao número de pessoas em tratamento no Sistema Único de Saúde, aumentou 97%, passando de 231 mil para 455 mil pessoas de 2009 a 2015. Em seis anos, temos o dobro no número de brasileiros que fazem uso de antirretrovirais. Dentre os brasileiros adultos vivendo com HIV e AIDS em tratamento há pelo menos 6 meses, 91% já apresentaram carga viral indetectável no organismo, que é um grande avanço em termos de saúde pública. Isso significa que os antirretrovirais fizeram efeito, e essas pessoas não mais transmitem o vírus para outras pessoas.

É registrado por ano uma média de 38 mil novos casos de AIDS, estimando-se atualmente, cerca de 800 mil pessoas vivendo com HIV no país. Para identificar e tratar essas pessoas, o Ministério da Saúde tem investido mais de dez anos, milhões de reais na ampliação do acesso à testagem, e em um sofisticado modelo de notificação de casos registrados. Os 345 Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) disponibilizam o teste rápido anti-HIV, além de oferecerem aconselhamento sobre prevenção, diagnóstico e tratamento. Mais da metade de todas as Unidades Básicas de Saúde do SUS também oferecem o teste rápido. (UNAIDS)[4]

Inúmeros esforços garantidos em lei e diversos incentivos do Governo Federal existem no Brasil para que, efetivamente, as políticas públicas rompam barreiras de diversas ordens e amplifiquem o escopo legal, de modo a promover, na prática, a melhoria das condições de assistência à saúde das pessoas com HIV/AIDS, por meio de uma ampla rede, com um emaranhado de nós que sustentem e assegurem o exercício amplo do direito à saúde.

---

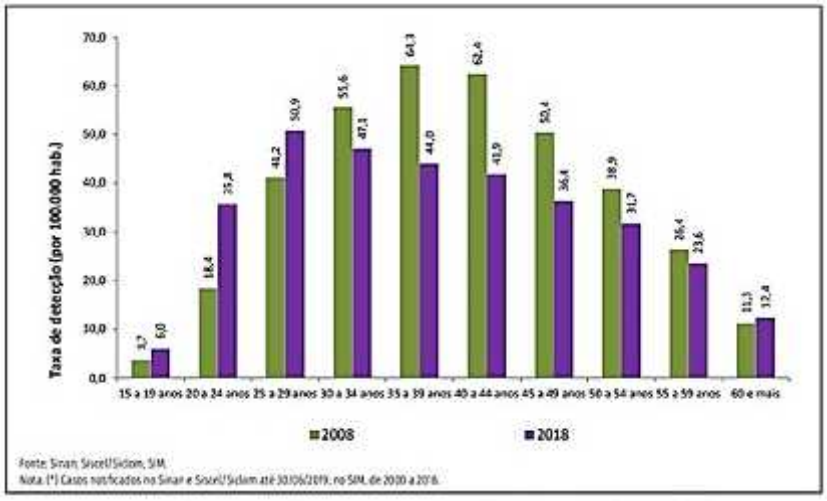
[4] ***UNAIDS -*** *Evolução de casos de HIV no Brasil -* ***https://unaids.org.br/estatisticas/***

2.2 PSICOLOGIA NO CAMPO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM HIV/AIDS

A Psicologia vem se inserindo na esfera das políticas públicas com admiráveis contribuições. Os psicólogos podem desempenhar relevante papel na elaboração de políticas públicas eficientes voltadas à AIDS, além de avaliarem ações provenientes das diretrizes dos programas dos governos federal, estadual e municipal (CREPOP, 2008).

Por muitos anos a Psicologia teve uma atuação política direcionada aos interesses de determinados grupos sociais, e não aos coletivos, o que colaborou, muitas vezes, para a patologização de questões de ordem social. Contudo, nos últimos anos a Psicologia tem sofrido mudanças e, ainda que muitos profissionais continuem atuando com práticas privatizantes, esta ciência vem se inserindo na esfera das políticas públicas com admiráveis contribuições. Sendo assim, a Psicologia, reconhecida como contribuidora no âmbito das intervenções em saúde insere-se no contexto do HIV/AIDS evidenciando o ser humano em sua integralidade - um sujeito que sofre para muito além da doença que porta. (PERUCCHI; RODRIGUES; JARDIM; CALAIS et al., 2011)

Segundo o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP, 2008), desde as primeiras políticas instituídas no campo da AIDS, estava incluída a atuação de psicólogos dentro das equipes multidisciplinares de atenção integral à saúde. Essa inserção ocorreu em três dimensões diferentes, que são: atuação na formulação das políticas e programas; execução das ações; e avaliação e acompanhamento destas. Sendo imprescindível, que o psicólogo conheça e construa referenciais ético-políticos que abarquem a complexidade do campo em que atua. Situação Epidemiológica detectada de 2008 e 2018. Demonstrada na figura 1 – Taxa de detecção por 100.000 hab. em homens segundo a faixa etária e sexo, Brasil 2008 e 2018.



Fonte: Sinan, Siscel/Sindom, Sim.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS E PARA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS QUE VIVEM COM HIV/AIDS

A função do psicólogo é permitir e estimular que o paciente verbalize sobre suas condições emocionais, observando de maneira singular, os sentimentos, e as reações que o paciente está vivendo, utilizando técnicas diferentes e múltiplas intervenções psicológicas para melhor elaboração psíquica, buscando promover melhores condições de adaptação a nova condição de saúde. (FRÁGUAS, et.al., 1997)

Junto ao tratamento do paciente soropositivo, o psicólogo exerce uma função importante, pois os pacientes em função de suas perdas vivem uma realidade de grande instabilidade emocional. Pois quando o paciente tiver uma recaída, que é algo inevitável e esperado, o terapeuta deve então intervir. “Temos percebido que é de vital importância para o combate à doença o resgate da autoestima e da vontade de viver.” (CAMON, CHIATTONE, NICOLETTI, 1996, p.51)

A terapia é considerada como um apoio, visando restabelecer o estado de animo do paciente, seu vínculo com a equipe de saúde que o acompanha e até mesmo com a família.

> É impressionante como uma terapia pode aliviar um paciente de uma carga pesada e sempre nos perguntamos por que é tão difícil para equipe hospitalar e para a família perceberem as necessidades do paciente quando, geralmente, bastaria apenas uma pergunta sincera e franca. (KUBLER-ROSS, 1998, p.276)

O psicólogo ajuda na elaboração dos conflitos psicológicos e atua como profissional de aconselhamento, informando e orientando sobre o HIV/AIDS, na maioria das vezes esse procedimento acontece do exame, durante o processo e após o resultado do exame.

Na maioria dos casos, é necessário também o atendimento à família, aos parceiros e aos amigos para esclarecer melhor os sintomas da doença, tirar dúvidas existentes e principalmente valorizar a presença contínua deles junto ao paciente.

Cabe aqui problematizar o que a Psicologia tem realizado em termos de prática profissional, mas principalmente sua posição acerca de políticas públicas de HIV/AIDS no Brasil.

O psicólogo oferece uma escuta a fim de identificar os aspectos subjacentes à doença, desenvolvendo estratégias de prevenção e promoção de saúde que implique numa melhor qualidade de vida. Sua intervenção se dá desde o momento do diagnóstico até a adesão ao tratamento.

A Psicologia trabalha também com o aconselhamento, que é uma abordagem baseada na escuta ativa, na troca, que visa dentro do contexto do serviço de DST/AIDS, orientar os soropositivos sobre a avaliação de seus próprios riscos, as dificuldades enfrentadas, e adoção de medidas preventivas.

São promovidas alterações nos aspectos emocional, psicossocial, nas estratégias de enfrentamento e na adesão o tratamento, que culminem numa melhora no estado de saúde geral do indivíduo através da intervenção psicológica.

No que diz respeito à AIDS, podemos dividir a prevenção em três níveis de intervenção: Prevenção primária – são as ações na comunidade (palestras, oficinas, treinamentos), aconselhamento pré e pós-teste e aconselhamento coletivo. Tem por objetivo a promoção da saúde em geral, e a proteção específica, contra determinados agentes patógenos. Prevenção secundária – é a escuta psicológica, o aconselhamento individual e monitoramento da condição subjetiva. Tem por objetivo impedir o avanço de uma doença instalada, evitar a morte do indivíduo ou impedir que a doença se torne crônica. Prevenção terciária – são intervenções na comunidade para enfrentamento do preconceito e discriminação, reabilitação psicossocial com reinserção no mercado ou na comunidade, atendimento a família e comunicantes, construção de rede de apoio social. Busca, com recursos da reabilitação, evitar ou reduzir a invalidez total, ou parcial, após a doença ter sido curada com sequelas ou ter sido cronificada – caso da AIDS. (CREPOP, 2008)

Uma crítica feita às políticas é que elas nem sempre têm continuidade. Mudam- se os governos e os projetos às vezes são desativados, ainda que apresentem bons indicadores de eficiência. Os pacientes ficam à mercê das diversas negociações políticas entre os agentes do governo e gestores até que eles percebam a importância da prevenção ou da liberação das verbas para a continuidade dos programas de atendimento as populações afetadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que a AIDS foi descoberta, muitos avanços importantes na ciência foram alcançados com surgimentos de novos medicamentos, mas ainda não houve mudanças significativas nas reações sociais diante dos pacientes soropositivos.

Há muito que se fazer ainda quanto à prevenção e esclarecimento sobre a doença, pois o índice de contaminação é grande e a falta de informação também. E apesar de todos os esforços depositados nesta direção, estes parecem ter chegado a um limite que exige um novo tipo de resposta e abordagem, pois novas infecções continuam ocorrendo no Brasil e em todo o mundo.

Muitos avanços já foram conquistados em termos de políticas públicas no Brasil, porém há um longo e árduo caminho em busca da qualidade de assistência às pessoas com HIV\AIDS, onde o medo da discriminação que habita em um mundo simbólico de iniquidades e desigualdades se apresenta como desafio não só para psicólogos, mas para todos os profissionais que defendem a vida como um direito de bem público.

Com todo material pesquisado, lido e estudado, percebemos que ainda existem unidades públicas sem psicólogos fazendo parte da equipe multidisciplinar, e questionamos aqui a falta do conhecimento da função do psicólogo nessa equipe. Como já era de se esperar, os desafios são bastante complexos para os psicólogos, uma vez que, na saúde é comum que outros profissionais, principalmente médicos, definam o que deve e como deve ser o trabalho do profissional de psicologia, sem que este consiga reverter tal situação.

Acreditamos que seja necessário inserir nessas unidades, o profissional de psicologia, sendo o psicólogo o mais instrumentalizado para ajudar a minimizar o sofrimento dos soropositivos ou doentes da AIDS.

Para se aprimorar o trabalho do psicólogo no campo da AIDS, percebemos a importância e a necessidade em se atuar em maior relacionamento com o médico, um maior entrosamento do psicólogo com o assistente social para se conhecer as condições familiares e dos grupos em que vive o paciente. Esse trabalho em equipe com outros profissionais possibilita uma adequação maior à conduta, atingindo o ponto de equilíbrio necessário a uma boa relação com o paciente.

Acreditamos que o acolhimento daqueles que se descobrem soropositivos deve ser realizado de forma especial por profissionais capacitados para lidar com estas situações. E que no campo social das ações devem ser empreendidas no sentido de favorecer a desconstrução dos estigmas, mitos, preconceitos e medos que ainda parecem girar no entorno da epidemia da AIDS, fazendo da informação uma arma de atuação na esfera do concreto.

Desejamos que seja suscitado nos profissionais da rede pública que atuam junto aos soropositivos, o desejo de maior acolhimento e estudos para facilitar e avançarmos juntos com os medicamentos para a mudança do imaginário social que vimos, que tem grande influência para o sucesso do tratamento. Dessa forma estaremos contribuindo para uma melhor qualidade de vida para esses pacientes, e maior sucesso na diminuição dos índices de contaminação.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

BOM DIA BRASIL, ONU revela que redução dos casos de AIDS está abaixo do esperado, 2016. Disponível em: http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/07/onu-revela-que-reducao-dos-casos-de-aids-esta-abaixo-do-esperado.html. Acesso em 03 de Setembro de 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde, Ministério da Saúde no Boletim Epidemiológico do HIV/AIDS, disponível em: http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019 e no link https://www.gov.br/aids/pt-br. Acesso em 14 de Agosto de 2023

BRASILIA, DF: Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: http://crepop.pol.org.br/. Acesso em 28 de Setembro de 2022.

CAMON, V. A. A., CHITTONE, H. B. C., NICOLLETTI, E. A. **O Doente, a Psicologia e o Hospital**, 3ed, São Paulo, Pioneira Thuomson Learning, 2002.

CREPOP, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, 2008. Referências técnicas para a atuação do (a) psicólogo (a) nos Programas de DST e AIDS.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, *Código de ética profissional do psicólogo*. Brasília, DF: Autor. Disponível em http://site.cfp.org.br/. Acesso em 20 de Setembro de 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, RESOLUÇÃO CFP N° 001/99 DE 22 DE MARÇO DE 1999. Disponível em: http://site.cfp.org.br/. Acesso em 20 de Setembro de 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA RESOLUÇÃO CFP N.º 018/2002. Disponível l em: http://site.cfp.org.br/. Acesso em 20 de Setembro de 2022.

FERREIRA, C. V. L. **AIDS e Exclusão Social**, Uberlândia MG, Lemos Editorial, 2003.

FRÁGUAS Jr., R, MEÇEIRO, A. M. A. S, MARCAETTI, R. L., et al. **Psiquiatria e Psicologia no Hospital Geral: Integrando Especialidades**, São Paulo, Lemos, 1997.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**, 8ed, São Paulo, Martins Fontes, 1998.
O DIA BRASIL, Número de infectados pela AIDS volta a subir no Brasil, alerta pesquisa, 2016. Disponível em: https://radios.ebc.com.br/reporter-rio/edicao/2016-07/numero-de-pessoas-infectadas-pelo-virus-da-aids-volta-subir-no-brasil Acesso em 03 de Julho de 2023.

PERUCCHI J.; RODRIGUES F. D.; JARDIM L. N.; CALAIS L. B., ET AL., Psicologia e Políticas Públicas em HIV/AIDS: Algumas Reflexões, Psicologia e Sociedade, vol.23 no. spe, Florianópolis 2011.

PORTAL BRASIL, Brasil bate recorde de pessoas em tratamento contra o HIV e Aids, 2016. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/saude/2016/01/brasil-bate-recorde-de-pessoas-em-tratamento-contra-o-hiv-e-aids. Acesso em 03 de Setembro de 2023.

SILVA, A. P. M., Oliveira, A. F., Nikaido, D. A., Lourenço, M., & Teixeira, N. (2002). *Aids não tem idade*. Monografia, Faculdade de Serviço Social de Presidente Prudente, São Paulo, SP.

UNAIDS, Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. Disponível em http://unaids.org.br. Acesso em 06 de Setembro de 2022.

VILARINHO, M. V.; PADILHA, M I.; BARARDINELLI, M. S. ET AL., Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença, Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 66, n. 2, 2013.